

conteúdos morais para uma retórica responsável socialmente, propedêutica dos ensinamentos cristãos, modelo de educação para a juventude do período complexo de renovação espiritual que foi a Contra Reforma.

Num “First epilogue”, Gesine Manuwald estuda onze peças de teatro que abordam a personagem de Cícero nos seus dois últimos anos, seguindo uma ordem cronológica, em vários países e línguas, do séc. XVI aos séc. XXI: são sobretudo numerosas no séc. XVIII, feitas por autores mais ou menos conhecedores da vida e dos escritos de Cícero, com perspectivas variadas. Verifica-se que não há interdependência entre estas tragédias nem é possível vislumbrar uma evolução definida nas maneiras de encarar o orador. Por vezes surge a questão do regime político, em função das circunstâncias dos dramaturgos, questão para a qual este período proporciona material, mas de modo geral predomina o lado pessoal, familiar, mais do que o foco político.

No “Second epilogue”, de Christoph Pieper e Bram van der Velden, são abordadas a apreciações académicas de Cícero, da Renascença até ao séc. XX: Erasmo, Escalígero, Justo Lípsio, que se apercebem das contradições da sua personalidade, Montesquieu, que o admira como filósofo, Middleton, Drumann, cuja biografia o mostra como uma sombra de um nome pretérito nestes anos finais. Mas sobretudo Mommsen, o mais famoso e influente detractor de Cícero, “Staatsmann ohne Einsicht, Ansicht un Absicht”, ancorado no nacionalismo alemão do séc. XIX e na sua ânsia por um líder forte. Nos seus passos vai Carcopino, que “respira ainda o espírito do regime de Vichy” e que dá também de Cícero uma visão negativa. O séc. XX, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, vai reabilitar Cícero, tendo um papel importante a biografia ciceroniana de Matias Gelzer, de 1969, em que há uma contextualização sólida e uma atitude empática. Na literatura de ficção, são citadas as visões de Max Brody e de Stefan Zweig, que apresentam uma visão decididamente positiva da personagem, que surge como luminosa, não só perfeito filósofo, mas aureolada de uma dimensão religiosa, “Seliger Cicero”, São Cícero, como diz uma personagem de Brody, um verdadeiro mártir da liberdade. A ascensão do Nazismo é colocada em paralelo com a ascensão do regime augustano, com fez também famosamente Ronald Syme, e Cícero é o mártir deste processo.

Esta análise da fase final da vida de Cícero e da sua variada e abundante recepção é um instrumento valioso para aprofundar a compreensão da importância desta figura icónica, tão influente na cultura europeia, que se presta a funcionalidades diversas em função dos momentos culturais e políticos e que em Portugal merece certamente mais atenção do que tem tido, apesar de raras mas honrosas excepções.

LUÍS MANUEL GASPAS CERQUEIRA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

luiscerqueira@campus.ul.pt

BÉNÉDICTE DELIGNON, NADINE LE MEUR, OLIVIER THÉVENAZ (edd.), *La poésie lyrique dans la cité antique: Les Odes d’Horace au miroir de la lyrique grecque archaïque*, Paris, Diffusion De Boccard, 2016. 366 pp. ISBN 978-2-36442-058-8

Tendo a sua génese num colóquio homónimo que teve lugar na École Normale Supérieure de Lyon (6-8 de Junho de 2012), esta colecção de estudos centrada na obra lírica de Horácio nasce, tal como sugerido na introdução ao volume, da tentativa de devolver à academia francesa alguma relevância internacional nos estudos horacianos, que nas últimas décadas têm sido dominados fundamentalmente pela academia anglófona e italiana. Embora a empresa seja, de facto, bastante ambiciosa, pode dizer-se que pelo menos este volume cumpre os objectivos a que se propôs, pois reúne num só espaço alguns dos nomes maiores dos actuais

estudos horacianos, num volume em que a língua francesa e inglesa convivem pacificamente, contrariando uma certa tendência da comunidade científica internacional para impor o inglês como a quase exclusiva língua de transmissão de conhecimento, o que no caso particular dos estudos clássicos é um óbvio atropelo à essência multilingue do seu campo de estudo e da sua vastíssima bibliografia.

Assim, um conjunto de especialistas provenientes de diversas academias europeias e norte-americanas foi convocado para reflectir sobre o património lírico grego e a sua relação com Horácio, mais especificamente sobre a relação simbiótica da poesia arcaica grega com a sua comunidade cívica e os contextos específicos da *performance* poética, procurando estudar a forma como o poeta romano interpretou, silenciou ou inovou aspectos particulares deste património. O tema da recepção da lírica grega em Horácio, como é bem sabido, foi já largamente explorado por diversos autores e sob as mais diversas perspectivas, e nas últimas décadas é um dos principais filões de investigação – senão o principal – dos estudos horacianos, ainda sob grande influência da orientação metodológica geral dada pelos trabalhos seminais de E. Fraenkel e Nisbet e Hubbard. Tratando-se, porém, de um volume que versa, como indica o seu título, temáticas fundamentalmente sócio-políticas, é natural que muitos dos artigos explorem a relação de Horácio com Augusto e com o momento histórico da chamada “idade augustana”, e como este pode ajudar a interpretar algumas das decisões literárias das *Odes* e também dos *Epodos* ao nível da selecção, apropriação e adaptação dos modelos antigos gregos. Ainda assim, alguns poucos artigos centram-se não no subtítulo do volume, que aponta para uma abordagem das *Odes* de Horácio como reflexo da lírica grega arcaica, mas mais precisamente no seu título, “a poesia lírica da cidade antiga”, optando por não abordar de todo a poética horaciana, mas explorar alguns aspectos específicos da lírica grega, procurando dar novos contributos para esse campo de estudo em particular. Embora alguns destes textos sejam relevantes para entender o contexto literário do poeta romano, não deixam de ser, de alguma forma, corpos estranhos num volume quase todo ele dedicado a Horácio, e que comprometem de certa forma a sua harmonia.

Um exemplo disto é logo o artigo que abre a primeira parte do volume (“La lyrique dans son contexte social e politique”), da autoria de Antonio Aloni, intitulado “Κῶμος et cité”; a discussão, centrada em questões sociais da Grécia arcaica, defende que tanto a poesia iâmbica como o epinício, aparentemente em oposição, são faces de uma mesma moeda, na medida em que são o veículo de reafirmação do prestígio social de uma aristocracia que vê na poesia uma forma de legitimar civicamente a sua hegemonia. A relação com Horácio é também bastante ténue no segundo artigo deste volume, da autoria de Stefano Caciagli, “Lesbos et Athènes entre πόλις et οἰκία”, em que o autor insiste na importância de conhecer bem o contexto social da comunidade a que a lírica arcaica grega se reporta. Abordando deste ponto de vista Safo, a costumeira comparação entre a poetisa e Álcman redundava, para o autor, pouco profícua, pois a abordagem social – dada a grande ignorância que temos sobre o real contexto cívico de Safo – levar-nos-ia mais facilmente a Atenas e à sua vivência da *hetairia*, que acaba por definir a sua ambiência intelectual.

Os restantes três artigos desta primeira parte têm uma relação bem mais evidente com os estudos horacianos. Virginie Hollard, no seu artigo “La fonction politique du poète dans la cité à l’époque d’Auguste: l’exemple d’Horace (*Odes* et *Carmen saeculare*)”, parte de uma preocupação que muito tem inquietado os estudiosos da obra horaciana, particularmente após a II Guerra Mundial – a de contextualizar ou pelo menos matizar o papel político de Horácio na idade augustana, procurando, num tom vagamente apologetico, justificar a adesão do poeta romano a um regime autocrático. Depois de traçar uma biografia de Horácio a partir da sua obra – tarefa já extensamente feita em contextos quem sabe mais adequados, e de forma mais aprofundada – a autora, depois de convincentemente questionar o próprio conceito de propaganda, e mesmo o facto de ter existido algo a que possamos chamar de “propaganda augustana”, acaba por defender a ideia de que mais do que um “escritor do regime”, Horácio procurou, pelo *medium* específico que a poesia proporciona, não uma apologia do *princeps*,

mas mais especificamente o desenvolvimento de um imaginário político que repousa no “mito augustano” de uma *res publica restituta*.

Mais curto e incisivo, o artigo de Hans-Christian Günther, “Horace: poetry and politics”, acaba por revelar ser uma cuidadosa e atenta reflexão sobre a biografia horaciana, colocando a famosa *Ode* 3.2 e o seu *dulce et decorum est pro patria mori* no contexto de uma vivência da guerra, feita na primeira pessoa por um poeta que habitou muitos dos palcos dos conflitos a que as *Odes* se reportam; toda a reflexão surge ancorada numa série de relevantes referências à nossa própria cultura e contemporaneidade, resultando num dos textos mais bem conseguidos do volume, ainda que grande parte das referências bibliográficas sejam a estudos produzidos pelo próprio autor, prática académica que nem sempre nos parece feliz.

Também ele um dos nomes mais sólidos nos estudos horacianos contemporâneos, Michèle Lowrie, no seu artigo “Le salut, la sécurité et le corps du chef: transformations dans la sphère publique à l’époque d’Horace”, discute, no contexto político, o conceito de *salus* e de *securitas*, definindo este último como aquela “saúde psicológica” a que alguns próceres romanos procuraram dar relevo, por lhes interessar serem considerados eles próprios figuras capazes de guiar Roma de um estado de bem-estar meramente físico para uma condição psicológica mais aproximada daquilo a que hoje poderíamos chamar “bem-estar social”. Numa leitura comparada com alguns escritos filosóficos e políticos de Cícero, a autora defende que enquanto este último vê o seu papel de magistrado como exclusivo legitimador de uma atitude cívica, Horácio procura retirar a sua autoridade da própria poesia e do seu papel inerentemente cívico.

A segunda parte deste conjunto de estudos, que versa novos contextos de criação poética, abre com outro nome cimeiro nos estudos horacianos, Stephen J. Harrison. No seu artigo “Horace *Odes* 2.7: Greek models and Roman civil war”, o autor explora um tema já sobejamente discutido na bibliografia horaciana: a *Ode* 2.7 na sua relação com Arquíloco (fr. 5 West). Depois de sublinhar o contexto geográfico e político coincidente entre Horácio e o seu modelo grego, Harrison aborda o paradigma homérico que avulta no episódio do *deus ex machina*. O contributo mais original, porém, do artigo talvez seja a aproximação intertextual que o seu autor faz do episódio de Pompeio (vv. 13-16), o misterioso amigo de Horácio que se viu, após Filipos, imerso num novo conflito armado, lendo o estudioso todo o passo sob o prisma dos vv. 424-429 da *Odisséia*. O artigo é, assim, mais um exemplo de uma bem sucedida linha de argumentação nos estudos horacianos, que procura demonstrar que amiúde a forma como o poeta trabalha e apresenta os seus modelos da lírica e épica gregas se prende com o propósito específico de cada *Ode*: no caso de 2.7, outorgar ao poeta a possibilidade de tratar episódios tão traumáticos como a batalha de Filipos com uma ligeireza que seria, com certeza, grata ao *entourage* augustano, mas que sem esta “cortina de fumo” que a *imitatio* oferece, seria com certeza bastante mais melindrosa para aqueles que combateram do lado de Bruto e Cássio, e que viram os seus companheiros morrer no campo de batalha.

Abordando também ele os conflitos civis romanos, o artigo de Olivier Thévenaz, “Actium aux confins de l’iambe et de la lyrique”, estuda a relação entre a *Ode* 1.37 e os Epodos 1 e 7, em que a batalha de Áccio é o palco principal, a partir de argumentos relacionados com a macroestrutura de ambas as colectâneas de poemas. O objectivo é lançar luz sobre um dos temas que mais perplexos tem deixado os comentadores de Horácio, que se prende com a valoração aparentemente positiva, ou pelo menos ambígua, que se faz de Cleópatra na *Ode* 1.37. Num estudo que o autor faz acerca da transição entre o registo epódico para o lírico, que reduzida muitas vezes num comentário quase meramente descritivo dos poemas, e que rebusca esforços anteriores já bem consolidados ao nível do diálogo de Horácio com a lírica arcaica grega, ainda assim é de sublinhar, neste artigo, a hipótese verosímil (embora algo *recherché*) de que o suposto elogio de Cleópatra não tem tanto a ver com uma genuína admiração de Horácio pela rainha, mas sim, numa perspectiva intratextual, com um esforço metapoético de passagem de um registo iâmbico para o lírico, em que já não interessa tanto a truculência típica do *psogos* epódico, mas a exaltação do poder de libertação da “lei da morte” que tantas vezes Horácio atribui à poesia.

Segue-se um dos contributos mais interessantes do volume, “*Pindarum quisquis studet aemulari: Greek and Roman civic performance contexts (Pindar’s Fourth and Fifth Pythians and Horace’s Odes 4.2)*”, da autoria de Lucia Athanassaki. Nele, a autora investiga não a intertextualidade entre Horácio e a lírica antiga, mas os diferentes propósitos e o distinto ambiente sócio-cultural que separam o autor romano de Píndaro, tendo como ponto de partida a *Ode* 4.2 de Horácio e dois epínícios do poeta grego (P. 4 e 5). Argumenta-se bastante convincentemente que, nos dois autores, há uma relação inerentemente diferente entre *laudator* e *laudandus*, uma relação de intimidade e de amizade que é bem mais notória no caso de Píndaro do que no de Horácio, sublinhando o facto, relevante em termos sócio-políticos, de que não há aparentemente lugar na ode horaciana, como há na pindárica, para expressões de admoestação ou de conselho em relação ao prócere, resultando a *Ode* 4.2 num quase puro e simples encómio, em que Augusto assume um papel completamente diferente daquele que os poderosos assumem na *Odes* pindáricas. A autora argumenta igualmente, com bastante argúcia, que Horácio sabia perfeitamente que até alguns dos louvores tecidos aos soberanos pelo poeta grego eram incompatíveis com a imagem pública de Augusto.

A terceira parte do volume pretende discutir as condições de enunciação da lírica e a sua ancoragem cívica, e inicia-se com um artigo que, mais uma vez, não versa temáticas directamente relacionadas com o universo horaciano, mas quase exclusivamente com a lírica antiga. Assim, o texto de Nadine Le Meur, “*Prier pour la cité: présence de la communauté civique dans les Péans de Pindare*”, discute alguns aspectos relacionados com Píndaro e os contextos performativos dos seus poemas. Nessa senda, a autora volta a evidenciar a importância do lugar da performance dos poemas para uma exegese mais profunda da obra do poeta grego, dando como exemplo o *Péan* 4 de Píndaro e argumentando que a sua execução teve lugar em Delos, e não em Ceos. Sublinhando também a importância da relação entre poesia e cidadania, o artigo de Chris Carey, “*Negotiating the public voice*”, volta a Horácio, abordando a relação deste com o património lírico arcaico, numa perspectiva desta feita mais gramatical, ao analisar o uso da primeira pessoa tanto do singular como do plural em ambos os contextos, recurso que confere quer aos poetas gregos quer ao venusino a ambígua possibilidade de tanto falar em nome de toda uma comunidade, como de um grupo social em particular. O autor argumenta que Horácio, por desenvolver nas suas *Odes* um contexto performativo ficcionado, explora com maior liberdade este recurso, dando um uso mais individualizado e distintivo, quando comparado com a lírica grega, à primeira pessoa do singular.

Numa mesma linha de argumentação, embora usando argumentos mais ao nível do estudo da enunciação e da análise semântica e sintáctica, Michel Briand, no seu artigo “*Entre spectacle et texte: contextes, instances et procédures pragmatiques chez Pindare et Horace*”, depois de apresentar diversos pontos de contacto entre algumas *Odes* horacianas e alguns ditirambos e epínícios de Píndaro – como, por exemplo, ao nível do uso dos longos parênteses mitológicos – aduz exemplos de algo que tem vindo a ser bastante enfatizado nos recentes estudos horacianos: que a lírica do poeta romano, pelo seu contexto ficcionado, está muito longe do rito coral grego. Briand procura assim argumentar que há um certo artificialismo performativo que se prende com uma sociedade romana radicalmente diferente da grega arcaica, em que o prestígio pessoal de Augusto nos obriga a uma exegese mais delicada quando se aborda a intertextualidade evidente entre Horácio e Píndaro.

Já o artigo de Jean Yvonneau, “*Une présence inexplicable: la déesse Létô chez Timocréon, fr. 727 4 Page*”, embora possa interessar para o estudo de Timocreonte, é talvez dos artigos com menor relação com um volume que pretende ser um conjunto mais ou menos harmonioso de textos, servindo talvez para exemplificar como o problema da crítica textual continua a ser de quase impossível solução – questão que, para o caso de Horácio (em comparação com outros autores) não será assim tão relevante.

A quarta e última parte do volume reúne um conjunto de seis estudos mais centrados na poética horaciana *per se* e na sua inovação face aos modelos e influências anteriores. Mario Citroni, em “*Cicéron, Horace et la légitimation de la lyrique comme poésie civique*”,

procura argumentar como Horácio representa uma atitude da elite intelectual romana completamente diferente da sua geração anterior. Tendo como ponto de partida Cícero, oferece-se um contraste muito bem fundamentado e estruturado entre a atitude do filósofo romano, cujo conhecimento em primeira mão da lírica grega é convincentemente apontado como pouco mais que insipiente, e a de Horácio, que procura dar à poesia um papel moral e social, recorrendo para tal fundamentalmente ao registo lírico, até por reacção à própria linguagem neotérica, que vê a poesia mais como veículo estético do que propriamente político ou de expressão de cidadania.

Voltando de novo à relação entre Píndaro e Horácio, talvez o tema mais explorado em toda esta colecção de estudos, o artigo de Grégory Bouchaud, “Pouvoir et impuissance poétiques: éléments de comparaison entre Pindare et Horace”, é uma cuidada e delicada reflexão sobre a gésica poética pindárica, nomeadamente acerca do poder da poesia e da relação do canto lírico com a sua comunidade e momento de enunciação, pondo em contraste este *corpus* com algumas odes de Horácio que recuperam a temática do *laudator* e *laudandus* e da dimensão cívica da poesia, filtrada, porém, por uma ambiência performativa artificial que confere ao poeta romano uma certa independência formal em relação ao *laudandus*, ao transferir para o autor dos versos, e não para os versos em si, o legítimo poder da poesia.

Explorando temas que têm marcado a investigação de Bénédicte Delignon, o seu artigo “Lyrique érotique et lyrique politique dans l’*Ode* 4.1 d’Horace” procura argumentar que, na primeira ode da última colectânea lírica do poeta romano, o modelo seguido ser Safo não pode ser lido fora do contexto cívico de todo o livro IV. Nesta perspectiva, o erotismo da ode tem um balanço sempre político: as virtudes “eróticas” de Paulo Máximo têm um paralelo na política, assim como o seu *decus* amoroso tem uma face cívica.

Numa perspectiva já afastada da análise dos modelos líricos gregos, o texto de Gregson Davis, “*Festo quid potius die: locus of performance and lyric program in Horace, Odes 3.28*”, um dos outros nomes maiores que o volume convoca, aborda a *Ode* 3.28 como exemplo da consumação artística do poeta romano, precisamente numa das últimas composições do *Tribiblos*; ao invés de explorar o *locus* específico do poema – os *Neptunalia* – o estudioso procura argumentar que a *mise-en-scène* ritual de Horácio cumpre um propósito que está bem longe de uma intenção religiosa, mas tem uma leitura de âmbito intratextual: consolidar um estilo idiossincrático de poesia erótica e simposiaca, pautada pela linguagem moral e ética da *sapientia* e da temática do *carpe diem*.

Ainda numa perspectiva largamente intratextual, o texto de Jenny Strauss Clay, “Horace et le frère cadet d’Apollon” é uma leitura da *Ode* 1.2 e 1.10 de Horácio, acompanhada pela *Sátira* 2.6 (1-15), abordando um tema já bastante explorado nos estudos horacianos sobre o porquê da predilecção horaciana pelo deus Mercúrio, e não pelo seu meio-irmão Apolo, que pontifica no principado augustano. O artigo, depois de explorar as notórias dissemelhanças a nível cultural e religioso entre os dois deuses, largamente exploradas pela poesia grega arcaica e alexandrina, argumenta que a Horácio convém pôr em contraste as duas divindades – mais precisamente um “Mercúrio horaciano” e um “Apolo calimaquiiano” – como forma de afirmar o seu próprio papel como poeta, pois também ele é, de certa forma, um *outsider* na elite intelectual romana.

O último artigo do volume é da autoria de Denis Feeney, “Horace and the literature of the past: lyric, epic, and history in *Odes* 4”; o autor aborda, no seu conjunto, o livro IV das *Odes* de Horácio, explorando com algum pormenor a forma como o modelo épico rivaliza com o lírico, ao contrário da produção lírica horaciana anterior. Esta mudança de paradigma poder-se-á dever, na argumentação de Feeney, à publicação da *Enéida* de Vergílio; esta epopeia passou a ser, em Roma, um exemplo máximo do poder da poesia para imortalizar os feitos humanos, capacidade que Horácio procurou sempre atribuir à sua própria lírica. Uma linha de investigação igualmente relevante é também o total silêncio horaciano, sublinhado pelo autor do artigo, em relação a Tito Lívio e à sua monumental obra historiográfica, contemporânea do último livro de *Odes*; este poderá dever-se ao receio do poeta de que a historiografia viesse a ocupar o espaço da poesia na celebração das glórias humanas.

Naturalmente, uma obra desta natureza – ainda para mais num contexto de um conjunto de artigos académicos, necessariamente sumários – corre sempre o risco de repetir ou reafirmar algumas ideias já assaz exploradas na longuíssima tradição dos estudos horacianos. Ainda assim, alguns textos deste volume apresentam uma ou outra nova perspectiva sobre os temas em questão, e vão com certeza contribuir para o avanço no estudo da lírica horaciana, que tende cada vez mais a centrar-se na relação com a tradição literária com que Horácio dialoga, desde Homero aos poetas contemporâneos do autor romano. Uma última palavra para a não inclusão, neste volume, de um único nome da academia portuguesa ou brasileira, nem sequer na sua bibliografia, algo que nos deveria fazer reflectir, neste momento em que os investigadores, pelo menos os portugueses, são pressionados cada vez mais a publicar não na sua língua nativa, mas em inglês. Embora esta seja uma estratégia possível, não será a única, e seria talvez mais útil que a academia lusófona, num esforço conjunto, procurasse impor também o português como língua de conhecimento: se a qualidade científica dos textos for adequada – como é o caso de muita da produção científica feita em português, quer em Portugal, quer no Brasil – então não vemos razão para que um autor anglófono ou francófono, habituado a compulsar bibliografia em diversas línguas, não se veja forçado a incluir o português como mais uma língua a explorar no universo intrinsecamente poliglota dos estudos clássicos – um dos factores distintivos deste campo de estudo, quando comparado com outros, e simultaneamente uma das suas mais-valias.

PEDRO BRAGA FALCÃO

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /

Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

pedrobfalcao@ucp.pt

M. COURRÉNT, *Vitruvius auctor. L'œuvre littéraire de Vitruve et sa réception dans la littérature*, Bordeaux, 2019 (*Scripta Antiqua*, 124). 394 pp. ISBN 978-2-35613-253-6

O presente estudo aborda uma das mais famosas obras de literatura técnica da Antiguidade, o *De architectura* de Vitruvío. O propósito de Mireille Courrént não é o de explorar o lado eminentemente prático da obra, ou seja, os conteúdos sobre arquitectura e técnicas e materiais de construção, mas sim analisar a forma como o texto está construído e examinar os mecanismos literários que Vitruvío empregou a fim de tornar o seu tratado uma leitura perene. Como se depreende das reflexões da própria autora, ele pretende escrever uma obra sobre arquitectura, que seja útil e imprescindível a todos os que quiserem um dia supervisionar a construção de um edifício, privado ou público, mas que seja simultaneamente uma obra literária, que deleite os leitores cultos. E, com efeito, o *De architectura* é muito mais do que um tratado meramente técnico. Ele contém uma enorme variedade de anedotas de cariz diverso, episódios históricos, elementos concernentes a muitos outros saberes (física, astronomia, medicina, geologia, botânica, etnologia), reflexões morais, um catálogo de *mirabilia* das águas, invenções mecânicas, e até considerações de crítica literária. Por outro lado, a recepção da obra na Antiguidade é do maior interesse e suscita reflexões e perplexidades. Embora surja apenas citado por Plínio, Frontino, Faventino, Sérvio e Sidónio Apolinar (que o coloca num pódio de expoentes máximos, como Esculápio para a medicina, e Arquimedes para a geometria), a sua influência terá sido maior e mais duradoura.

Na Introdução, a A. analisa todos os testemunhos e indícios de que dispomos sobre o autor, uma figura esquiua, possivelmente do tempo de César e de Augusto, sobre o qual pouco sabemos de concreto.